

## **RUMO À CONFERÊNCIA DE APARECIDA**

*Lá no final da década de 60, a Igreja da América Latina, e, de modo especial, a do Brasil, tomava consciência de que se rompiam laços antigos e constringentes. Em feliz expressão, H. Vaz traduzia-a como a passagem de uma Igreja-reflexo – e concomitantemente uma teologia – para uma Igreja-fonte.*

*Até então ela se vinculava aos modelos eclesiológicos e teológicos importados dos países centrais da Europa, especialmente da matriz romana. O catecismo, que já não servia em regiões em ebulição, se declinava aqui com toda facilidade. E os manuais de teologia da Universidade Gregoriana, redigidos na morta língua latina, cristalizados no espírito da Contra-reforma, moldavam a mente do clero e, em decorrência, do simples fiel.*

*Europeus que chegavam à exuberância das Terras tropicais traziam congelados em suas malas os ensinamentos e as fórmulas mágicas de evangelização. Não faltaram exemplos cômicos de grupo de missionários preparar em Madri ou em outra cidade européia as missões populares que aplicavam literalmente em terras afroameríndias, ao apenas descerem do avião. Terminado o tsunami missionário regressavam felizes e triunfantes às terras pátrias.*

*O reflexo empobrece a luminosidade-fonte. Assim aqui se viviam a liturgia, a pastoral, a vida religiosa, a formação nos seminários ainda em moldes mais estritos. Medellín foi pensada, pelo próprio Paulo VI, como a introdução do Vaticano II nas Igrejas do Continente. Naturalmente continuando a condição de repetir em dó menor as melodias que lá se cantaram. Aconteceu o imprevisível. S. João já nos alertara para a surpresa do vento – pneuma, spiritus – que “sopra onde quer; tu ouves o barulho, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim é todo aquele que nasceu do*

*Espírito” (Jo 3, 8). A Igreja da América Latina estava a nascer do Espírito com as novidades centrais da opção pelos pobres, das comunidades eclesiais de base, da libertação, da conscientização, tocando o conjunto da pastoral, da Vida Consagrada, da Catequese, da Educação. Já não era mais reflexo, nem mesmo do Concílio Vaticano II. Surgia a Igreja-fonte.*

*Os alemães têm um provérbio: “é demasiado bonito, para ser verdadeiro”. A Igreja-fonte principiava breve trajetória, muito bela para continuar verdadeira por muito tempo. Infelizmente voltou-se depois de caminhada de originalidade e criatividade ao sestro antigo de ser-cópia. Mais uma vez os olhos se voltaram para o centro. De lá se esperavam os acenos. E vieram da cúria romana, das centrais dos novos movimentos religiosos, das cúrias generalícias, dos documentos doutrinários, do catecismo universal e de intervenções canônicas. Em escalada cada vez menos original e mais ajustada, se realizaram as Conferências de Puebla e Santo Domingo. Parafraseando o poeta Carlos Drummond de Andrade: “E agora, Aparecida? A festa acabou, a luz apagou, o povo sumiu, a noite esfriou. E agora, Aparecida? E agora, Você Igreja do Brasil?”*

*Não, a festa da originalidade de nossa Igreja não acabou. A luz da esperança não apagou. O povo das CEBs não sumiu. A noite do enquadramento não esfriou. E agora, é retomar a experiência de Igreja-fonte que se viveu em Medellín e que continuou, mesmo nas horas difíceis, presente em vários aspectos da organização e pastoral da Igreja.*

*Aparecida surge no horizonte como momento providencial para a retomada da caminhada da Igreja, desde que não se perca a hora da história. Frequentemente a leitura providencialista da história não entende que a Igreja pode, em dado momento, por omissão, por curteza de vista, por surdez ao Espírito falhar tragicamente por causa do desencontro com a realidade. À guisa de exemplo, citemos dois fatos históricos dolorosos que nos alertam para a responsabilidade de decisões graves.*

*Mateus Ricci (1552-1610) situava-se, com ânimo e clarividência, diante do gigante da China. Como nos lembrou o P. Geral dos jesuítas Kolvenbach, aquele missionário conhecedor profundo da cultura e da mentalidade chinesas, esforçou-se para mostrar que a reverência aos antepassados não era um culto idôlatrico como se dizia no Ocidente, mas um costume social e familiar. Não contradizia a fé cristã nem justificava que se negasse o batismo aos que desse modo recordavam os seus antepassados. No entanto, tal abertura defrontou-se com críticas de outros teólogos, religiosos e sobretudo dos burocratas romanos da época. Tudo terminou na condenação por parte de Roma. E agora, a terrível conseqüência histórica de tal erro: as portas da China se fecharam ao evangelho e hoje em mais de um bilhão de habitantes, apenas poucos milhões são cristãos. Assustadora responsabilidade de mentalidade cerrada!*

A Igreja no período do Renascimento da arte e da cultura clássicas andava por descaminhos pouco evangélicos. A corrupção moral assentara praça nos postos mais altos da hierarquia eclesiástica. Os fiéis se desnorream com a conduta decadente e displicente dos pastores. Reuniu-se o Concílio de Latrão V (1512-1517) para reformá-la. Omitiu-se em tal missão. E Lutero (1483-1546) inicia o movimento da Reforma, só que desta vez à custa da ruptura interna da Igreja. Omissão de um Concílio de pesadas conseqüências.

A história ensina-nos que grandes eventos da Igreja podem fracassar por responsabilidade dos que nele se envolveram, ao não saberem ler os sinais dos tempos nem tomar decisões corajosas. A Igreja da América Latina situa-se em momento de extrema pungência social e religiosa. Cabe-lhe a responsabilidade intransferível de enfrentar os desafios. Seria triste e lastimável que se perdesse a ocasião de Aparecida para repetir lugares-comuns ou pior ainda para regredir a uma Igreja-reflexo, olhando para fora de si e copiando de lá o modelo de estruturação e de pastoral. Como estar à altura de um momento? Dois verbos: ouvir e ousar.

Em primeiro lugar, **ouvir a voz do Espírito**. Ele não fala a linguagem das palavras doutrinárias. Não se trata de vasculhar documentos do magistério e copiar deles citações já feitas, confeccionando novo documento a modo de apostila escolar. É ingênuo pensar que o Espírito se cristaliza na enciclopédia escrita nos últimos anos pela pena romana. Nem a letra das Escrituras Sagradas prende o Espírito. Ele fala à liberdade de quem se abre à experiência transcendental e inefável de sua presença. E os místicos recordam-nos a necessária atitude de purificação, de despojamento de si mesmo, da própria prepotência, das vaidades infeccionantes que impedem de ouvi-lo. Nada como a simplicidade de quem segue o exemplo do Mestre: “E quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo” (Mt 20, 27).

Ser “o último servidor” do povo de Deus é a vocação daqueles que se reunirão em Aparecida, não só como pessoas individuais, mas também como corpo. E servir implica **ouvir o povo**. Ouve-se de duas maneiras. A preparação da Conferência está a envolver amplos setores da Igreja que vêm manifestando por reuniões, textos, artigos e documentos setoriais as críticas e aspirações, os temores e os sonhos dos fiéis. Material tão abundante que pode afogar os leitores num oceano de papéis. A forma escrita pertence ao gênero do erudito, do formalizado. Tem seu valor. Não exclui nem substitui audição mais importante. A da vida. Quem for a Aparecida, não se munirá unicamente da insuficiência de seu saber solipsista, mas carregará, sem dúvida, infinitas experiências de contacto, de observações, de conversas, de escuta.

Já seria extremamente valioso se os membros da Assembléia expressassem espontânea e livremente as preocupações que lhes vão ao coração, nascidas

do diuturno contacto com os problemas e desejos dos fiéis nos mais diversos setores da vida. Quanta sabedoria se esconde na simplicidade das Patrocínias e dos Josés das comunidades!

**Ouvir** com escuta ainda mais aguçada **os pobres**. Os prediletos de Deus. Como é fácil dizer, como é difícil crer que eles são os mais amados de Deus e por eles Deus fala com maior eloquência. E os pobres, em nosso Continente são multidão, aos milhões e milhões. Pobre deixou de ser categoria puramente econômica. Mais que pobres, são em-pobrecidos – feitos pobres –, excluídos. A exclusão radicaliza sempre mais e conduz os pobres ao conflito maior em torno do binômio morte e vida. Quem – pessoas, camadas, países, continente – não se encontra no campo dos interesses do mercado está fadado à exclusão, a ser prescindido, à morte. Já não é Terceiro ou Quarto Mundo, mas o Não-Mundo. Pobre é uma maneira de ser que afeta o tempo livre, a amizade, o modo de rezar, de pensar, de falar.

Espera-se que os representantes reunidos em Aparecida não conheçam a vida do pobre unicamente pelos textos e documentos que receberem, mas pela imersão na sua vida, pela escuta e partilha. Dela lhes virá maior lucidez na percepção dos seus reais interesses.

Na atual conjuntura neoliberal de fracasso de muitas utopias e esperanças históricas dos pobres e de abandono, a Igreja mantém-lhes a esperança teologal. Aí está missão urgente e necessária. Quanto mais a onda carismática afasta a reflexão e a prática dos pobres, tanto mais a presença junto a eles se faz importante.

Ouvir o povo fiel, ouvir os pobres e finalmente **ouvir a realidade** na ampla gama de problemas. A Conferência de Aparecida reproduz, a seu modo, o que na Antigüidade foram os Sínodos regionais. Eles refletiam os problemas socioculturais que se viviam no momento e pretendiam dar-lhes resposta. A percepção dos problemas da realidade latino-americana não se capta fora do seu espaço e tempo. Ninguém substitui tal experiência. A cor com que se vê o neoliberalismo, a dor com que ele é sofrido varia grandemente. A sociedade do conhecimento impõe-se por todas as partes. A globalização assedia os corações e mentes. Massas gigantescas se movem, no sofrimento, no abandono, na pobreza, dentro dos países e para fora deles. A natureza é maltratada pela ganância empresarial e pela inconsciência dos Governos, subornados pelo capital nacional e estrangeiro.

Eis alguns dos problemas gigantescos que não se respondem com lugares-comuns, nem com simples citações bíblicas, mas com audazes tomadas de posição na lucidez da consciência responsável. Portanto, ao ouvir segue-se o ousar. Quanto mais ousar, mais chance de encontrar algum caminho, mesmo com o risco do erro. Erra-se mais ficando parado que avançando. Porque o primeiro já errou, o segundo pode errar. Sem a segunda postura não há saída possível.

Esqueceu-se que *episkopein*, na linguagem da Bíblia Grega, significa “olhar por” e entendeu-se o termo *episkopos* no sentido de inspetor. Deveria antes refletir um “olhar de cima”, de quem contempla os fiéis, o povo, os pobres, a realidade com os olhos misericordiosos de Deus e que confere ao ministério uma missão, uma tarefa e não um simples cargo. Santo Inácio, na contemplação da Encarnação, recorda ao exercitante o olhar salvífico trinitário sobre o mundo. “Contemplar aqui como as três Pessoas divinas olhavam toda a superfície plana ou curva do mundo, cheia de homens; e como, vendo que todos desciam para o inferno se determina, em sua eternidade, que a segunda pessoa se faça homem para salvar o gênero humano” (EE. EE. 102). Inácio desce ao bem concreto da face da terra na “variedade de trajés e de costumes: uns brancos, outros negros, estes em paz, aqueles em guerra, uns chorando e outros rindo, com saúde uns e enfermos outros, uns que nascem, outros que morrem, etc.” (EE. EE. 106). Este é o olhar que se espera de Aparecida sobre a realidade humana do Continente.

Para olhar, necessita ter coração. Das entranhas misericordiosas da Trindade brotou a determinação da Encarnação. Participar dessa atitude divina modifica radicalmente o significado da Assembléia. Esquecem-se as pessoas de si mesmas e voltam-se para as necessidades dos outros. Estas se fazem o critério último das decisões e não temores medrosos nem olhares para o que dirão os “inspetores” de plantão.

Ezequiel recorre à bela metáfora do vigia, da sentinela (Ez 3, 17) que vê antes, se antecede e previne o perigo em defesa do rebanho. No mesmo sentido usa a imagem do pastor (Ez 34). É-lhe muito cara como ao salmista (Sl 23 (22)) e presente em outras passagens bíblicas, que Jesus retoma com a originalidade de sua pessoa. O evangelho prolonga-a ao extremo da entrega da vida pela ovelha, passando pelo cuidado, pela convivência íntima até ao reconhecimento das vozes. Cada pormenor da alegoria mexe por dentro o coração de qualquer pastor autêntico de seres humanos.

As grandes assembléias requerem longa preparação. E a Igreja da América Latina já se encontra envolvida por meio de um Documento de Participação e de iniciativas múltiplas. Seria ingenuidade desconhecer que se escondem armadilhas metodológicas nas melhores intenções das comissões preparatórias. A lembrança do Concílio Vaticano II ajuda-nos a iluminar tal situação. Quando os bispos do mundo inteiro chegaram a Roma, encontraram o Concílio praticamente preparado: textos, comissões, dinâmica, metodologia, etc. Tudo feito com denodo, trabalho e sacrifício de centenas e centenas de pessoas. Eis que a argúcia santa de D. Hélder percebeu o risco de enquadrar o conjunto do Concílio em arranjos prévios. Provocou a intervenção de dois cardeais respeitabilíssimos da Europa Central pedindo tempo para reestruturarem a metodologia e outros aspectos. E essa cartada foi definitiva para modificar a rota prevista.

*É possível que a dinâmica da Conferência de Aparecida se encontre em situação semelhante. Textos, membros já eleitos ou designados, assessores triados, opções básicas feitas, metodologia e dinâmicas bem definidas até os mínimos pormenores. E entrar nessa mecânica significa que o produto final já está condicionado. É muito diferente reunirem-se os bispos para produzirem um texto com dinâmica específica ou para experimentarem o ato colegial e responsável, em nível continental, de debater livremente os temas com redação ou não de algum documento.*

*Se apostarem na segunda modalidade, não se sentirão sufocados por camisa de força, mas em responsabilidade livre tratarão dos problemas verdadeiros dos fiéis, do povo, dos pobres, da realidade. Não perderão tempo em discussões de palavras em busca de expressões cada vez mais ortodoxas para não ferirem “pios ouvidos” e guardiães da ortodoxia sempre em serviço. Os textos doutrinários se tornam cada dia menos lidos e rapidamente são sepultados na montanha obsoleta dos arquivos. Perderam muito de sua credibilidade. Quanto mais volumoso, pior. Saímos, feliz ou infelizmente, segundo os juízos diferentes, da cultura da letra para a da imagem, do positivismo jurídico e canônico para a liberdade das escolhas pessoais, do papelório parado para a rapidez eletrônica e virtual. Por que então teimar em prosseguir com metodologia paralela à cultura moderna e pós-moderna?*

*Se no pós-Aparecida, os fiéis perceberem pastores mais solícitos, clero mais próximo e capaz de ouvir em vez de impor-se, eles mesmos valorizados nos ministérios, acolhidos nos problemas existenciais e familiares, uma Igreja pastoralmente envolvida com as grandes causas – ecumenismo, diálogo inter-religioso, ecologia, feminismo, luta anti-armamentista, pacifismo, igualdade étnica –, e sobretudo bem metida no mundo dos pobres, dirão: Aparecida foi um milagre da graça! O *sensus fidelium* – o sentido da fé dos cristãos – se reforçará. A Igreja realizará um pouco do sonho de João XXIII. Na pureza de sua santidade, imaginava que no final do Concílio, que ele não viu, a Igreja ostentaria uma face tão bonita, tão transparente, tão luminosa que o ecumenismo aconteceria como um encontro de amores.*

*Mas se as atitudes e problemas continuarem os mesmos e os fiéis simplesmente receberem um livro para estudar: que frustração! Continuarão a ser simplesmente os destinatários da produção escrita do clero. E cai-se na ilusão de que se resolvem os problemas criando comissões, escrevendo textos, lendo relatórios. A vida ironicamente zomba de caminho tão sonso.*

*E Aparecida só conseguirá a transformação profunda do imaginário e da realidade eclesial pela corajosa postura de seus membros, já que a ação do Espírito Santo pertence à promessa de sempre. De Deus não há falha. Esta se situa do lado de cá.*

*A Igreja da América Latina então deixará de ser **Igreja-reflexo** para retomar a caminhada iniciada em Medellín de ser **Igreja-fonte**. Mais: ela se tornará **Igreja-inspiração** para outros continentes. Não se trata de assumir pretensiosa hegemonia, como se estivéssemos numa luta política e ideológica, mas de colocar os dons recebidos e valorizados pelo esforço humano livre e responsável ao serviço de outras Igrejas.*

*A inspiração brotará do nível de liberdade e responsabilidade que se tiver e se praticar em Aparecida, como símbolo real do que toda a Igreja do Continente sonha viver. Liberdade se refere às amarras que continuamente prendem as Igrejas pobres e julgadas de menor idade. Responsabilidade significa responder. Mas a quem? Ao Espírito de Deus. Mas este fala especialmente por meio do povo fiel, dos pobres e da realidade. Dois trilhos para o deslizar de uma Conferência: liberdade e responsabilidade.*

*O texto inicial do Documento de Participação não aponta para novidades e esperanças. Pois ele paga tributo demasiado pesado a uma era que está a acabar e não anuncia o que se quer criar. Por isso, não deve restringir-nos a imaginação criativa, antes despertá-la, precisamente porque carece dela. O ato da preparação está em curso. Quanto mais se trouxerem os eleitos para um contacto corpo-a-corpo com os fiéis, com o povo, com os pobres e com a realidade, tanto mais possibilidade se abre de atuação inovadora na Assembléia. Não nos percamos unicamente nos textos. Privilegiemos a vida em relação a eles. E os eleitos e escolhidos sintam-se antes chamados a ver, a sentir, a ouvir, a experimentar do que a ler. Guardem os textos para as noites e dediquem os dias às pessoas, às suas dores, lutas, sonhos, esperanças. Daí brotará a maior energia para mover a Itaipu de Aparecida.*

## Coleção Bíblica Loyola

A Coleção Bíblica Loyola, sob responsabilidade da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte, publica estudos, comentários e subsídios bíblicos de nível científico internacional, seja traduzidos, seja produzidos por biblistas nacionais.

### Títulos mais recentes:

12. **Metodologia do Novo Testamento** (*W. Egger*)
13. **Leitura do Evangelho segundo João I** (*X. Léon-Dufour*)
14. **Leitura do Evangelho segundo João II** (*X. Léon-Dufour*)
15. **Leitura do Evangelho segundo João III** (*X. Léon-Dufour*)
16. **Leitura do Evangelho segundo João IV** (*X. Léon-Dufour*)
17. **Jesus e o mundo do judaísmo** (*G. Vermes*)
18. **A Galiléia, Jesus e os Evangelhos** (*S. Freyne*)
19. **As duas fases da pregação de Paulo** (*M. Pesce*)
20. **O Evangelho de Mateus e o judaísmo formativo** (*J. A. Overman*)
21. **A Bíblia na Igreja** (*J. A. Fitzmyer*)
22. **O pensamento do templo - de Jerusalém a Qumran** (*F. Schmidt*)
23. **As formas literárias do Novo Testamento** (*K. Berger*)
24. **Procurais o Jesus histórico?** (*R. Zuurmond*)
25. **Sabedoria e sábios em Israel** (*J. Vilchez Líndez*)
26. **Mulher e homem em Paulo** (*N. Baumert*)
27. **A evolução do pensamento paulino** (*U. Schnelle*)
28. **Metodologia do Antigo Testamento** (*H. Simian-Yofre [org.]*)
29. **A mensagem do Reino** (*R. A. Horsley e N. A. Silberman*)
30. **Abraão e sua lenda: Gênesis 12,1-25,11** (*W. Vogels*)
31. **Israel e seu Deus:** (*F. Gradl e F. J. Stendebach*)
32. **Sacrifício e culto no Israel do Antigo Testamento** (*Ina Willi-Plein*)
33. **O Jesus Histórico: um manual** (*Gerd Theissen / Annete Merz*)
34. **A Tríade: fé, esperança e amor em Paulo** (*Thomas Söding*)
35. **A Primeira história do Cristianismo** (*Daniel Marguerat*)
36. **Introdução ao Antigo Testamento** (*Erich Zenger et al.*)
37. **Introdução à leitura do Pentateuco** (*Jean-Louis Ska*)
38. **A "fórmula da aliança"** (*Rolf Rendtorff*)
39. **As parábolas de Jesus em Marcos e Mateus** (*Michel Gourgues*)
40. **A invenção de Cristo** (*Maurice Sachot*)
41. **As origens da Bíblia** (*John W. Miller*)
42. **Naquele tempo... Concepções e práticas do tempo** (*M. Gourgues e M. Talbot*)
43. **Introdução à exegese do Novo Testamento** (*U. Schnelle*)
44. **A encarnação do Filho de Deus** (*Ulrich B. Müller*)
45. **Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da "Fonte Q"** (*J. Konings*)
46. **Entre os dois Testamentos. História e religião na época do Segundo Templo** (*J. Maier*)
47. **As parábolas de Lucas** (*Michel Gourgues*)

Edições Loyola — Cx. P. 42.355 - CEP 04299-970 São Paulo  
e-mail: vendas@loyola.com.br